

SISTEMAS DE LINGUAGENS NÃO-BINÁRIAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

GENDER AND SEXUALITY NON-BINARY LANGUAGES

Rafael De Tilio¹

Mariana de Paiva Pelet Vieira²

Resumo: *A linguagem é um sistema mutável e atravessado por construções ideológicas que influenciam o modo como os discursos (efeitos de sentidos entre os interlocutores) ocorrem, demarcando relações de poder. As representações de gênero e sexualidade se inserem nessa sistemática ideológica na medida em que a linguagem binária estabelece a predominância do masculino sobre o feminino. Portanto, é importante compreender como sistemas de linguagens não-binários produzem representações das relações de poder no tocante ao gênero dos sujeitos. O objetivo desta pesquisa é mapear e compreender os principais sistemas de linguagens não-binárias em português no campo da sexualidade e gênero. Este é um estudo documental, descritivo e qualitativo sobre sistemas de linguagem não-binárias el, ilu, elu, x e @ disponíveis em blogs analisados a partir do referencial teórico da Análise de Discurso francesa de Michel Pêcheux. Os principais resultados indicam os modos de funcionamento destes sistemas de linguagens não-binárias (como operacionalizam a substituição de pronomes e de artigos e promovem reformulações frasais pretendendo a des-generificação do discurso) e seus atravessamentos ideológicos.*

Palavras-chave: *linguagem; discurso; teorias queer; sexualidade; gênero.*

Abstract: *Language is a system that changes and is crossed by ideological constructions that influence the way discourses (effects of senses between interlocutors) occur, demarcating power relations. The representations of gender and sexuality are part of this ideological system to the extent that binary language establishes the predominance of the male over the female. Therefore, it is important to understand how non-binary language systems produce representations of power relations in relation to the subjects' gender. The objective of this research is to map and understand the main non-binary language systems in Portuguese in the field of sexuality and gender. This is a documentary, descriptive and qualitative study on non-binary language systems el, ilu, elu, x and @ available in blogs analyzed from the theoretical framework of Michel Pêcheux's French Discourse Analysis. The main results indicate the modes of operation of these non-binary language systems (how they operationalize the substitution of pronouns and articles*

1 Docente do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFTM. Coordenador do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Sexualidade e Gênero (HUBRIS-UFTM).

2 Graduanda em Psicologia na UFTM. Integrante do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Sexualidade e Gênero (HUBRIS-UFTM). Coordenadora discente do Club do Set (Liga de Psicologia e Audiovisual/UFTM).

and promote frasal reformulations aimed at the de-gendering of discourse) and their ideological crossings.

Keywords: *language; speech; queer theories; sexuality; gender.*

Introdução

Segundo Feldman (2015), ao longo da sua história a psicologia científica ofereceu três grandes conjuntos de explicações para a aquisição e o desenvolvimento da linguagem nos seres humanos: as abordagens das teorias da aprendizagem (a linguagem é uma habilidade aprendida principalmente nas etapas iniciais do desenvolvimento), as abordagens inatistas (a linguagem é o resultado dos mecanismos inatos do desenvolvimento humano), e as abordagens interacionistas (a linguagem é produzida pela combinação de predisposições inatas e circunstâncias ambientais/aprendidas).

Em suma, algumas perspectivas concebem a linguagem como elemento externo a ser adquirido via aprendizagem; outras perspectivas concebem-na como a manifestação de estruturas cognitivas universais inatas aos sujeitos (REIS, 2009); e, por fim, outras perspectivas (denominadas interacionistas) tentam conciliar aspectos das anteriores (PEREIRA, 2012). Para Langacker (1972) cada uma dessas abordagens é originária de pressupostos distintos e dos quais consequências diferenciais para os estudos da linguagem são estabelecidas. Havendo, portanto, diferentes maneiras de conceber a linguagem ela se apresenta como objeto importante para a Psicologia.

Para Pereira (2012) dentre as perspectivas de caráter conciliatório estão as de Jean Piaget, Henry Wallon e Lev Vygotsky que, a despeito de suas diferenças, concebem a linguagem como resultado de processos subjetivos individuais e sociais que intermedia a construção do conhecimento e as relações entre os sujeitos. Sob determinada perspectiva, para Orlandi (2013) e Helsloot e Hak (2000) essa proposta foi retomada e atualizada nas décadas de 1960 e 1970 por diversos autores, dentre os quais Michel Pêcheux para quem a linguagem (sistema de transmissão de sentidos entre os interlocutores) depende em parte tanto dos aspectos inatos e biológicos (pois toda emissão de sentidos depende em algum grau de um agente material humano para sua veiculação) quanto em parte dos valores, ideais, normas e sentidos construídos e transmitidos (em sistemas formais e não-formais de aprendizagem) pelos grupos e pela história.

Assim, para Brandão (2012) uma das principais abordagens interacionistas dos estudos da linguagem é a análise do discurso de tradição francesa que, em algumas das suas vertentes, compreende a linguagem como discurso (efeitos de sentidos entre os interlocutores) resultado tanto das representações/valores/sentidos historicamente cristalizados organizados quanto dos aspectos gramaticais e sintáticos (estruturais) das línguas. Neste sentido, para Orlandi (2013) é equivocado conceber a linguagem somente como o sistema de regras gramaticais, ou somente como os sentidos historicamente construídos e partilhados, ou ainda somente como o uso das palavras pelos sujeitos visando à transmissão de informações – para a autora a linguagem é a soma destes três aspectos.

Para compreender as relações que os seres humanos estabelecem no tempo histórico, Orlandi (2013) argumenta que a análise do discurso de Michel Pêcheux situa a produção dos sentidos dimensionado no tempo e no espaço das práticas humanas. Assim, ele relativiza a suposta autonomia do sujeito em face das condições sociais e ideológicas e, portanto, o discurso (efeitos de sentidos historicamente coordenados e não dominados por qualquer indivíduo em particular) é a relação entre a língua (uso individual da linguagem) e a ideologia (as relações de

poder dentre os agrupamentos humanos que validam os sentidos) que permite compreender como são produzidos sentidos pelos e para os sujeitos.

Ademais, Pêcheux (2014) é claro ao argumentar que além dos supracitados elementos componentes da linguagem é importante ressaltar o papel político que ela cumpre quando media as relações de poder e estabelecer hierarquias entre os sujeitos, nominalmente quando são consideradas as influências da ideologia no funcionamento da linguagem. Neste sentido, uma das principais (se não a principal) maneira de estabelecer relações hierárquicas de poder numa comunidade ou grupo social na contemporaneidade é pela designação dos gêneros dos sujeitos, isto é, se são homens ou se são mulheres. Assim, não se trata de uma simples nomeação dos corpos, mas sim do estabelecimento de permissões e de proibições aos sujeitos a depender do sexo/gênero pelo qual são designados, dos quais devido ao caráter patriarcal das sociedades decorrem práticas que estabelecem diferenças e desigualdades entre homens e mulheres. A linguagem, portanto, pode ser compreendida como um sistema de construção de gênero das/nas sociedades, sendo ela um sistema político (de relações de poder) desigual entre homens e mulheres (RUBIN, 2017).

Este sistema binário de gênero é sustentado tanto pela nomeação que a linguagem promove (determinando o que podem/devem fazer os homens e as mulheres) quanto pelos atos executados (pelos sujeitos) correspondentes ao estabelecido pelas normas sociais e históricas. De acordo com Butler (2015) a linguagem é performativa (e não idealista ou mentalista), pois ela é sustentada e dá sustentação aos atos dos sujeitos dentro de um quadro normativo pré-estabelecido que possui como um dos principais enquadramentos o binarismo de gênero – ou nas palavras de Salih (2012): os papéis sociais e sexuais diferenciais para homens e mulheres estabelecidos mediante relações de poder.

Portanto, mesmo que Preciado (2014) considere que romper com os binarismos de gênero na linguagem é necessário, porém, não suficiente³ para eliminar as desigualdades entre homens e mulheres (e entre cisgêneros e transgêneros⁴) na nossa sociedade, compreender quais são e como funcionam as propostas de sistemas não-binários e neutros de linguagem pode servir de disparador para questionar essas mesmas hierarquias, diferenças e desigualdades de poder entre os gêneros. Assim, o objetivo deste estudo é o de mapear e compreender os principais sistemas de linguagens não-binárias em português no campo da sexualidade e de gênero.

Aspectos Metodológicos

Tipo de estudo:

Este é um estudo documental, descritivo e qualitativo.

Procedimentos para constituição do corpus:

³ A existência das diferenças e das desigualdades entre homens e mulheres não ocorrem apenas em função dos diversos sistemas de linguagem binários, haja vista a existência de outros aparelhos repressivos e ideológicos do Estado que, tomando o binarismo de gênero como referência, sustentam essas diferenças.

⁴ Cisgênero designa os sujeitos cuja autodeterminação de gênero coincide com o sexo (biológico) atribuído ao nascimento; transgênero designa os sujeitos cuja autodeterminação de gênero não coincide com o sexo (biológico) atribuído ao nascimento.

Por ser uma pesquisa documental a amostra foi composta por conteúdos de guias da internet e blogs que disponibilizam sistemas de linguagem não-binárias de gênero e sexualidade em português, nominalmente os sistemas el, x, e, elu, ilu e @. Segundo Aires (2012) o blog é um tipo de uma mídia social em formato de atualização periódica que aborda temáticas específicas com caráter informativo por parte dos seus autores sobre determinado assunto. Os sistemas utilizados nesta pesquisa foram encontrados nos seguintes blogs:

- (1) <https://felicigamingdiary.wordpress.com/2016/01/30/guia-para-a-linguagem-oral-nao-binaria-ou-neutra/> (GUERREIRO, 2016)
- (2) <https://www.languagetrainersbrasil.com.br/blog/a-linguagem-neutra-ou-nao-binaria-significa-inclusao-de-genero/> (FERREIRA, 2017)
- (3) <https://medium.com/@maycow/e-essa-tal-de-linguagem-neutra-a-%C3%AD-682394f0ab86> (MAYCOW, 2017).

Para Gomes (2007) são três as etapas metodológicas de uma análise do discurso pêcheuxtiana:

- (1) delimitação da materialidade linguística: definição da textualidade intradiscursiva objeto de análise, no caso, os blogs com sistemas de linguagem não-binárias. Foi realizada uma procura no site Google de buscador de assuntos/conteúdos na internet por blogs em língua portuguesa para recuperação dos sistemas de linguagem não-binárias el, x, elu, ilu e @. Após localizados (conferir itens 1 a 3 do subitem anterior) foi realizado o *printscreen* ou *download* das páginas que continham os sistemas de linguagem não-binária que compuseram o *corpus* da pesquisa;
- (2) estabelecimento das sequências discursivas e suas análises: trechos ou exemplos decorrentes da materialidade linguística apreciados à luz dos conceitos de interdiscurso, formações discursivas e Esquecimento Número Dois;
- (3) compreensão do processo discursivo: compreensão dos condicionantes externos (as condições materiais e ideológicas) da produção dos discursos nas/das materialidades linguísticas apreciados à luz dos conceitos formações ideológicas e Esquecimento Número Um.

Referencial teórico

A análise do discurso de (Michel) Pêcheux (2014) enfatiza a linguagem como elemento constitutivo da realidade e, portanto, das relações sociais de poder dos sujeitos. Essa proposta, segundo Brasil (2011), parte da suposição de que as formações ideológicas de uma dada formação social perpassam a luta de classes de cada momento histórico, delimitando relações de poder através da linguagem – uma das ferramentas de sobredeterminação dos sujeitos que busca compreender o viés materialista e histórico da linguagem. Entende-se por discurso as relações entre língua e ideologia, sendo ele material simbólico propício para a compreensão dos mecanismos de produção dos sentidos que não são óbvios, mas sim social e ideologicamente determinados. Neste sentido, segundo Orlandi (2013), Michel Pêcheux propôs alguns conceitos para compreender o funcionamento do discurso, a saber: intradiscurso, interdiscurso, formações discursivas e formações ideológicas.

O intradiscurso é a formulação empreendida e produzida (o fio do discurso) em um determinado momento sob determinadas condições sociais e ideológicas, incluindo as de classe social e de gênero. Porém, é preciso considerar que o produzido carrega as marcas e os significados de tudo o que já foi dito sobre ele (memória discursiva) mesmo que isso seja desconhecido ou negado pelos interlocutores. Assim, Orlandi (2013) esclarece que o intradiscurso é marcado em sua constituição pelo interdiscurso, termo concebido por Pêcheux como sendo todo o conjunto de dizeres/saberes/sentidos já formulados historicamente que norteiam e constituem o produzido, conferindo-lhes sentidos.

Porém, nem todos os sujeitos podem dizer e podem produzir sentidos das mesmas maneiras haja vista que a significação depende da posição social (e discursiva) ocupada por eles. Em outras palavras, conforme proposto por Pêcheux (2014), a produção dos efeitos de sentidos depende de marcadores sociais tais como classe social, gênero, geração, raça e etnia, orientação sexual e orientação religiosa dentre outros. Por isso, as palavras estabelecem efeitos de sentidos diferentes a depender de quem (são os interlocutores) e sob que circunstâncias ocorre a enunciação – por exemplo, as mesmas palavras utilizadas por brancos e negros ou por homens e mulheres podem estabelecer distintas relações de sentidos entre os interlocutores. Portanto, o interdiscurso atinge diferencialmente os sujeitos a depender destas suas condições de produção. Outra maneira de dizer isso é argumentar que os efeitos de sentidos estão articulados e são dependentes dos espaços de regularidades dos sentidos mais ou menos coincidentes com os marcadores (das diferenças) sociais dos interlocutores – esses espaços de regionalizações de sentidos foram denominados por Pêcheux (2014) de formações discursivas. Todavia, no ato de produção dos sentidos os sujeitos não se dão conta da multiplicidade de possibilidades da enunciação, tendo a ilusão de que somente poderiam ter se expressado da exata maneira pela qual o fizeram – efeito denominado por Pêcheux (2014) de Esquecimento Número Dois, ou seja, os sujeitos esquecem que poderiam ter enunciado o que fizeram de outras maneiras.

Todas as formações discursivas de uma sociedade estão em constante disputa, pois são representantes dos conflitos resultantes das lutas de classe e de gênero, e buscam por proeminência haja vista que a que se tornar hegemônica estabelece relações de dominância real e simbólica para com as demais, determinando as principais representações, sentidos e ações valorizados numa determinada conjuntura social – isso foi denominado por Pêcheux (2014) de formações ideológicas. Portanto, as formações discursivas representam as formações ideológicas no discurso. Como os sujeitos estão filiados a determinadas FD eles têm a ilusão não somente de que controlam o que/como dizem (devido ao Esquecimento Número Dois), mas também tem a ilusão de que igualmente controlam os efeitos de sentidos dos seus discursos junto aos seus interlocutores – efeito denominado por Pêcheux (2014) de Esquecimento Número Um, ou seja, os sujeitos esquecem que não dominam os sentidos e que eles não são coincidentes com seus pensamentos e consequências.

De maneira resumida, pode-se dizer que os conceitos da análise do discurso de Pêcheux pretendem esclarecer quais são/foram as condições materiais e ideológicas pertinentes aos efeitos de sentidos produzidos (ORLANDI, 2013; DE TILIO *et al.*, 2018).

Resultados e Discussão

Etapa 1 – Definição e exposição das materialidades linguísticas

Sistema EL: este sistema foi encontrado no blog *Felicia's Gaming Diary* (GUERREIRO, 2016) e propõe a deleção da vogal marcadora de gênero (masculino e feminino) no final de pronomes pessoais, demonstrativos e possessivos da língua portuguesa;

Sistema ILU: este sistema consta no blog *Felicia's Gaming Diary* (GUERREIRO, 2016) e surgiu a partir do pronome latim neutro *illud*; propõe a substituição das vogais marcadora de gênero no final de pronomes pessoais, demonstrativos e possessivos pelo termo *ilu*;

Sistema ELU: este sistema foi encontrado nos blogs *Felicia's Gaming Diary* (GUERREIRO, 2016) e *Medium* (MAYCOW, 2017) e deriva do sistema *ilu* para se aproximar mais dos pronomes *ele/ela*, propondo a substituição das vogais marcadoras de gênero no final de pronomes pessoais, demonstrativos e possessivos pelo termo *elu*;

Sistemas X e @: esses sistemas foram encontrados nos blogs *Medium* (MAYCOW, 2017) e *Language Trainers Brasil Blog* (FERREIRA, 2017) e são descritos como sistemas não-binários mais visuais uma vez que o som produzido pelas substituições é diferente dos fonemas geralmente utilizados na língua portuguesa. Assim, mesmo apresentando pronúncias mais difíceis eles cumprem com a proposta de des-generificação pela substituição de vogais marcadoras de gênero em pronomes, preposições, adjetivos e substantivos.

Etapa 2 – Sequências discursivas e análises

As materialidades linguísticas consultadas recomendam que esses sistemas devem ser designados como sistemas de linguagem oral não-binários ou neutros e não pura e simplesmente como sistemas de linguagem oral neutros porque devem contemplar a multiplicidade de gêneros não-binários, constituindo-se como uma noção mais abrangente do que meramente uma definição de neutralidade oral da língua (ORIENTANDO, 2016). Além disso, sistemas de linguagem oral neutros poderiam limitar sua utilização apenas ao gênero neutro⁵, quando na verdade pode ser utilizado por todo e qualquer gênero na oralidade (ORIENTANDO, 2016).

Assim, é possível perceber que em termos de efeitos de sentido o que se apresenta são tentativas de romper com o binarismo de gênero através da linguagem escrita e oral. Por meio das traduções⁶ para os sistemas de linguagem não-binários ou neutros expostos anteriormente é possível problematizar possíveis efeitos interdiscursivos de sentidos frente à linguagem binária. Isso ocorre porque os sistemas de linguagem não-binários ou neutros pretendem estabelecer novas formas de enunciar e se dirigir a essas pessoas. Desse modo, é possível estabelecer uma relação com as linguagens não-binárias que, interdiscursivamente, pretende romper com os papéis binários de gênero estabelecidos através da linguagem historicamente simbolizada pelos pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos, artigos definidos e formulações frasais dentre outros. Eis alguns exemplos:

Sistema ELU (GUERREIRO, 2016, p. 6-12; MAYCOW, 2017, p. 6-11): uso da vogal “e” ao invés de “a” e “o” (marcadores de gêneros) ao final de adjetivos, pronomes possessivos, pessoais oblíquos, demonstrativos, numerais e artigos definidos (por exemplo, *lindo/linda* se traduzem para *linde*). Outra forma de pronunciar vogais marcadoras de gênero indicada pelo guia é utilizar “s” ou “n” no lugar da vogal (*lindos/lindas* se traduzem para *linds* ou *lindn*) que são substituições que conferem caráter neutro à formulação. Além disso, palavras terminadas em *co/ca* ou em *go/ga* devem ser substituídas por *que/gue* (por exemplo: *técnico* para *técni^{que}* e *psicólogo/psicóloga* por *psicó^{logue}*); terminações em *r/ra* mudam para *e/ies* (por exemplo: *trabalhadores* se transformam em *trabalhadore/trabalhadories*); terminações *ão/ã* traduzem-se por *ane* (por exemplo: *irmão/irmã* para *irmane*); pronomes possessivos *meu(s)/minha(s)* por *minhe(s)*; pronomes possessivos *teu(s)/tua(s)* e *seu(s)/sua(s)* por *tu(s)/tue(s)* e *su(s)/sue(s)*; pronomes possessivos *nosso(s)/nossa(s)* e *vosso(s)/vossa(s)* por *nosse(s)* e *vosse(s)*; pronomes pessoais oblíquos *ne(s)/le(s)* são utilizados no lugar de *no(s)/na(s)* e *lo(s)/la(s)*; pronomes demonstrativos *esse(s)/essa(s)* por *est(s)*; os termos *própria(s)/próprio(s)* e *mesmo(s)/mesma(s)* por *pró^{pr}ie(s)* e *mesme(s)*; os numerais *um(a)* ou *dois/duas* por *ume/dues* – ou simplesmente

⁵ Gênero neutro (ou sem gênero) em relação aos gêneros binários.

⁶ Nas traduções as alterações nos artigos masculinos e femininos se aplicam apenas as pessoas como sujeitos das constituições frasais e discursivas – isto é, não se aplicam aos animais e aos objetos.

optar pelo feminino *uma*; os artigos definidos *a(s)/o(s)* devem ser traduzidos por *le(s)*. Uma sequência discursiva que pode ilustrar como ocorre a tradução do sistema binário (língua portuguesa) para esse sistema é: “O cachorro mordeu o braço dele” para “O cachorro mordeu o braço delu” (GUERREIRO, 2016, p.7).

Sistema EL (GUERREIRO, 2016, p. 3-5): neste sistema o resultado que se obtém após as traduções dos pronomes/palavras que designam gêneros são: *el, els, del, dels, nel, nels, aquel e aquels*. Uma sequência discursiva que ilustra essa tradução é “Ela bebeu muito refrigerante” para “El bebeu muito refrigerante” (GUERREIRO, 2016, p.4), sendo a mesma regra aplicada aos outros pronomes deste sistema.

Sistema ILU (GUERREIRO, 2016, p. 5-6): neste sistema o resultado das traduções se apresenta como *ilu, ilus, dilu, dilus, nilu, nilus, aquel e aquels*; todavia, *aquila(s)* deveria ser evitado devido a sua semelhança com o pronome *aquilo* que faz referência a objetos e animais, podendo ser interpretado como ofensivo). Uma sequência discursiva traduzida do português binário para este sistema é “Eles são amigos” para “Ilus são amigues” (GUERREIRO, 2016, p.5), sendo a mesma regra aplicada aos outros artigos/pronomes deste sistema.

Além disso, estes três sistemas propõem o uso alternativo de termos abrangentes que pretendem a universalização dos sentidos. Os pronomes (mais genéricos como) *de* e *lhe* e o artigo definido *a* devem ser utilizados para se referir às pessoas de modo geral, bem como a preposição *por* no lugar de *pela(o)*. Por fim, em alguns casos sugere-se (1) a supressão de artigos e pronomes e preposições que tenham marcadores de gêneros, (2) o uso de gerúndio e (3) o uso da voz passiva a fim de tornar as sentenças mais genéricas e menos generificadas (por exemplo: de “você é lindo” para “sua aparência é linda” (GUERREIRO, 2016, p.8) ou “os alunos da quarta série se reuniram” para “estudantes da quarta série se reuniram” (GUERREIRO, 2016, p.13) para dar um caráter não-binário ao que é dito) sem necessariamente efetuar alterações na escrita das palavras.

Sistemas @ e X (FERREIRA, 2017, p. 2-4; MAYCOW, 2017, p. 9-11): algumas sequências discursivas que ilustram traduções que pretendem transformar os sentidos da língua portuguesa binária para os sistemas X e @ são “Eles são filhos delas” para “Elxs são filhxs delxs” e “Elas vão ao cinema” para “El@s vão ao cinema” (FERREIRA, 2017, p.3). Diferentemente dos sistemas anteriormente apresentados, os sistemas X e @ apresentam limitações devido às implicações na pronúncia das palavras reformuladas.

Considerando o exposto e as propostas de traduções, os efeitos de sentidos dos discursos não estão apenas nas palavras efetivamente empregadas, mas também no seu exterior, isto é, no que elas significam histórica e externamente aos sujeitos (ORLANDI, 2013). Os sentidos são constituídos nas e a partir das circunstâncias e condições sociais em que são produzidos, não resultando apenas das intenções dos sujeitos que os proferem (ORLANDI, 2013), explicitando o caráter histórico-social e ideológico do interdiscurso e do Esquecimento Número Dois. O interdiscurso é o conjunto de formulações histórica e socialmente feitas e esquecidas que determinam os sentidos, pois para que as palavras tenham sentido é necessário que elas já tenham sentido(s) formulado(s) anteriores.

E esse é o efeito do interdiscurso: é necessário que o que foi dito por alguém especificamente em um momento particular seja perdido na memória para se tornar um dito “anônimo” que possa ter um sentido em nossas palavras (ORLANDI, 2013). No caso, é possível considerar que a sociedade falante da língua portuguesa se utiliza de um registro linguístico-gramatical calcado no binarismo de gênero que é, segundo a análise do discurso, naturalizado pelos interlocutores. Essa naturalização (obviedade dos sentidos generificados pela linguagem) pode ser compreendida a partir do conceito Esquecimento Número Dois (PÊCHEUX, 2014) – processo da ordem da enunciação caracterizado pela ilusão por parte do interlocutor de que o que foi expresso só poderia ter sido daquela exata maneira – ou seja: o interlocutor “esquece” que haveria outras maneiras de dizer o mesmo e/ou de intencionar produzir o mesmo efeito de sentido, estabelecendo uma ilusão de equivalência entre o pensar, a realidade e a linguagem.

Em outras palavras, os sujeitos naturalizam e normalizam o binarismo no sistema de linguagem. Todavia, um dizer sempre pode ser dito de outra forma (mesmo que o produtor se esqueça disso) através de reformulações parafrásticas – no caso, as traduções para os sistemas de linguagens não-binários e neutros (ORLANDI, 2013). Logo, se algo pode ser dito de maneira diferente (as traduções possibilitadas pelos sistemas de linguagem não binários ou neutros), há possibilidade de produzirem sentidos mais inclusivos do ponto de vista do(s) gênero(s) que não somente os binários.

Quando nas materialidades linguísticas (FERREIRA, 2017; GUERREIRO, 2016; MAYCOW, 2017) são discutidas a primazia do masculino sobre o feminino na língua portuguesa, elas acabam tocando no que a análise do discurso pechêuxtiana denomina de novas formações discursivas. As formações discursivas são regionalizações de sentidos do interdiscurso mais ou menos coincidentes com as posições sociológicas (de gênero, de etnicidade e de classes sociais etc.); em outras palavras, isso quer dizer que quando uma palavra produz efeitos de sentidos é porque uma formação discursiva se articula em relação a outras, sendo todas elas determinadas/articuladas pelo interdiscurso (COURTINE, 2014; ORLANDI, 2013).

Dessa forma, esses sistemas de linguagem não-binários ou neutros podem constituir e ser compreendidas como outras formações discursivas que surgem em função de uma necessidade política e comunicativa de pessoas não-binárias do ponto de vista do gênero e que não se identificam com o binarismo. Ademais, após seu surgimento, tais sistemas de linguagem não-binários ou neutros têm que enfrentar outras lutas e resistências, tais contra os que afirmam que eles (sistemas) são mais complicados quando deveriam facilitar a comunicação. Por fim, os sistemas de linguagem não-binários ou neutros são ridicularizados como poluição frasal, mas o seu objetivo precípua é tanto desconstruir a ideia de que o certo da língua o é de uma forma específica (a variante padrão da norma culta) quanto incorporar formas alternativas para designar sujeitos não-binários, sendo tentativas de inclusão social através da neutralização do gênero pela escrita e pela oralidade.

Etapa 3 – Processo discursivo

O masculino enquanto universal consolidou-se como outra forma de dominação de gênero por meio da linguagem. Por exemplo, a inflexibilidade nas regras gramaticais (variante padrão da norma culta da língua portuguesa na qual predomina o masculino universal para o coletivo) é um dos reforços das desigualdades entre os gêneros binários. Logo, se o feminino e as mulheres acabam depreciadas frente à normalização/universalização do masculino e dos homens, todos são interpelados como se isso fosse normal e pouco ou nada devesse ser questionado. Contudo, irremediavelmente essas consequências (naturalizar e não questionar) são formas de dominação e de produção de ideologias que estabelecem a predominância do masculino/homens sobre o feminino/mulheres (LAU, 2017; WERBA; CARVALHO, 2018).

Outra consequência é que toda e qualquer variedade de gêneros situados entre (ou fora) desses dois polos do binarismo é diminuída ou excluída, reforçando a lógica cis-sexista. Segundo Guimarães (2013), o cis-sexismo é uma prática que designa como padrão natural as pessoas que se identificam com seu sexo e gênero e os performam socialmente. Desse modo, o cis-sexismo acaba distinguindo as vivências cis das de sujeitos transexuais/transgêneros, os quais não apresentam essa congruência na identificação sexual.

Mesmo quando os gêneros dos sujeitos parecem se cristalizar e normalizar via binarismo, nunca é demais lembrar que ele é um efeito de performances historicamente enfatizadas (BUTLER, 2015). Assim, é importante considerar que todos os sistemas de linguagem existentes, enquanto construções sociais, estão em constante relação interdiscursiva

com os demais. Isso é o que Pêcheux (2014) denomina de relações de sentidos – uma das formações imaginárias que sustenta os Esquecimentos Número Um e Dois. Desse modo, é possível afirmar que o sistema de linguagem binário da língua portuguesa sustenta e é sustentada pela coexistência de outros sistemas de linguagem como os não-binários e neutros.

Por isso, maneira propicia para produzir alterações nas relações de poder desiguais entre os gêneros é por meio das transformações dos símbolos e sentidos que reproduzem essas relações de dominação (WERBA; CARVALHO, 2018) – justamente isso é o que pretendem fazer os sistemas de linguagem não-binários e neutros e outras práticas que contestam os processos de generificação binária da linguagem. Em uma perspectiva pêcheuxtiana pode-se considerar que os sistemas de linguagem não-binários e neutros configuram outras formações discursivas de perspectivas não-binarista que, se exitosas, podem propiciar o estabelecimento de espaços de sentidos e, por conseguinte, de outras relações entre os sujeitos. Desse modo, podem contestar a lógica vigente que distingue linguística e discursivamente os gêneros binários que desconsideram a multiplicidade de (outros) gêneros não restritos ao feminino e ao masculino.

Segundo Orlandi (2013) as formações discursivas (por serem regionalizações de sentido e do interdiscurso) possibilitam que uma palavra, ao transitar dentre formações discursivas, mude seus efeitos de sentidos – pois o sentido de uma palavra é resultante de sua inscrição em uma formação discursiva específica (BRASIL, 2011). A partir desse pressuposto, se se altera o regime de inscrições simbólicas, deslocamento e/ou estranhamentos de sentido podem ocorrer – quando, no caso, os sistemas de linguagem binários são traduzidos pelos/em sistemas de linguagem não-binários ou neutros, permitindo outros efeitos de sentidos destoantes da norma binária.

Se as formações discursivas representam no discurso as formações ideológicas (PÊCHEUX, 2014), assim, todos os sentidos são determinados com base em alguma ideologia (ORLANDI, 2013). Para Haroche, Pêcheux e Henry (2007) as formações ideológicas são definidas como sendo os conjuntos de atitudes e representações relacionadas com as posições e as relações de classes da sociedade – e também, como extensão, com as posições de gênero (LAURETIS, 1994). Logo, as formações discursivas são uma das manifestações na linguagem dos aparelhos ideológicos do Estado, pois existem outros aparelhos (ideológicos e repressivos) de dominação. Por conseguinte, fica evidente que as outras formações ideológicas produzidas pelos sistemas de linguagem não-binários e neutros constituem-se como outra possível ideologia no discurso que almeja romper com a lógica binária de gênero. Ideologia esta que conforme Pêcheux afirma representa conjuntos de representações e posições sociais hegemônicos. Logo, fica claro que outras formações discursivas podem ser formas de produção de outros sentidos no campo do discurso, um dos aparelhos de poder da sociedade para que exista a possibilidade de, ao longo do tempo, se transformarem em práticas e produzirem mudanças nas relações sociais.

Contudo, mesmo considerando que o discurso seja uma das formas de dominação (entre os gêneros) operante na sociedade, isso não significa que se houver alteração (apenas) na materialidade linguística dos sistemas de linguagem binários para os sistemas não-binários ou neutros necessária, imediata e automaticamente haverá alteração nas relações de dominação entre os sexos/gêneros (PRECIADO, 2014). Exemplo disso, ainda no campo do discurso, são alguns efeitos de sentidos que reforçam as desigualdades entre os gêneros e que não são dependentes da grafia das palavras, mas sim da interlocução entre os sujeitos – como o *maninterrupting*, a *bropropriating*, a *gaslighting* e a *mansplaining*)⁷ (GONÇALVES, 2018; WERBA; CARVALHO, 2018).

7 Estes termos significam a interrupção constante da fala de mulheres por parte dos homens (*maninterrupting*), ou quando um homem se apropria das ideias de uma mulher e leva os créditos em seu lugar (*bropropriating*), ou a

Essa ilusão (de que se houver mudanças na linguagem binária e/ou nas designações de gênero haverá imediatamente mudanças nas práticas sociais e nas relações de poder) pode ser compreendida a partir do conceito de Esquecimento Número Um. Para Pêcheux (2014) esse esquecimento se refere à ilusão de que os sentidos (além das palavras) dos discursos podem ser controlados pelos interlocutores, do que resulta a ilusão da transparência da comunicação e dos sentidos (o outro deve compreender exatamente o que eu sei que digo) e das práticas – ou seja, os sujeitos “esquecem” que não são a origem dos sentidos e não controlam totalmente suas práticas. Se são as condições materiais exteriores (incluindo as não-discursivas) que constituem os sujeitos não haveria como, para a análise do discurso, dominar e prever os efeitos dos sentidos. Em outras palavras, a luta política por outras formações discursivas é uma aposta, porém não uma garantia (PÊCHEUX, 2014).

Em outras palavras, não há garantias de que ocorrem mudança nas práticas dentre os gêneros caso os sistemas de linguagem não binários e neutros substituam os sistemas binários de linguagem por existirem outros aparelhos de repressão e de dominação para além do discurso. Todavia, isso não deve invalidar nem desestimular as lutas políticas concernentes às materialidades linguísticas. Mas supor que os efeitos de sentidos (discursos e suas práticas resultantes) podem ser controlados deliberadamente pelos sujeitos é um dos efeitos do que em análise do discurso se denomina de formações imaginárias (ORLANDI, 2013). Não se trata de um fatalismo, pois se a utilização de sistemas de linguagens não-binários ou neutros não é a garantia da mudança, todavia, ela pode ao menos ser o elemento incipiente de alterações sociais mais amplas e profundas que pretendem a equidade entre homens e mulheres (GONÇALVES, 2018).

Considerações Finais

Face a análise do discurso dos sistemas de linguagens não-binários ou neutros das materialidades linguísticas apresentadas, ressalta-se a interpelação ideológica dos sujeitos pela linguagem na produção dos efeitos de sentidos. Assim, a proposta de renovação e revitalização da língua portuguesa não-binária e neutra da perspectiva de gênero pode ser uma alternativa para a constituição de outros espaços de regularidades de sentidos para o estabelecimento de relações sociais e de gênero menos desiguais.

Mas é importante considerar que não existe uma relação direta entre mudanças na materialidade da linguagem e mudanças nas relações sociais, conforme discutido no processo discursivo. Existe, então, um caminho mais complexo a ser percorrido para promover mudanças nas relações de poder na sociedade. Mesmo diante disso, uma das contribuições possíveis deste estudo para a Psicologia é a compreensão do papel da linguagem como importante ferramenta de empoderamento e de inclusão dos sujeitos pertencentes às minorias sexuais, de gênero e de orientações sexuais em nossa sociedade visando o questionamento de práticas sexistas.

Um dos limites deste estudo é o fato de não ter se debruçado sobre as práticas de linguagem *in loco* dos grupos sociais, ou seja, são necessárias investigações sobre como esses sistemas de linguagens não-binárias e neutros são efetivamente empregados e utilizados pelas comunidades LGBTQIA+ e simpatizantes. Destarte, espera-se que com mais investigações nesta área a propagação de conhecimentos se amplie e mudanças substanciais nas relações entre os gêneros ocorram e se efetivem na forma de inclusões e ampliações de direitos.

violência psicológica ou emocional produzida por um homem que leva a mulher a achar que enlouqueceu ou que é incapaz (gaslighting), ou quando um homem desmerece o conhecimento de uma mulher (mansplaining).

Referências

- AIRES, Calebe. (2012). **O que é um blog?** Disponível em <https://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2011/12/o-que-e-um-blog.html>. Acesso em: 21 nov 2019.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: Editora Unicamp, 2012.
- BRASIL, Luciana Leão. Michel Pêcheux e a Teoria da Análise de Discurso: Desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva. **Ling. Est. e Pesq.**, Catalão/GO, v. 15, n. 1, p. 171-182. 2011. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/lep/article/view/32465/17293>. Acessado em: 23/02/2020
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- COURTINE, Jean-Jacques. O conceito de formação discursiva. In: COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Paulo: EdUFSCAR, 2014.
- DE TILIO, Rafael; CAMPOS, Maria Teresa de Assis; CREMA, Izabella Lenza; RUIZ, Juliana Machado. Análise de discurso de gênero em Silicone Blues. **REFACS**, Uberaba/MG, v. 6, n. 4, p. 675-685. 2018. Disponível em: <http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/refacs/article/view/3283/3129>. Acessado em: 19/03/2020.
- FELDMAN, Robert. Linguagem. In: FELDMAN, Robert. **Introdução à Psicologia**. Porto Alegre: Artmed, 2015.
- FERREIRA, Gabriela. **A linguagem neutra ou não-binária significa inclusão de gênero?** 2017. Disponível em <https://www.language trainers brasil.com.br/blog/a-linguagem-neutra-ou-nao-binaria-significa-inclusao-de-genero/>. Acesso em: 17 out 2019.
- GOMES, Antonio Marcos Tossoli. Do discurso às Formações Ideológica e Imaginária: Análise de discurso segundo Pêcheux e Orlandi. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 555-62. 2007.
- GONÇALVES, Davi Silva. Por uma língua feminista: uma breve reflexão sobre o sexismo linguístico. **Rev. Interd. em Cult. e Soc. (RICS)**, São Luís/MA, v. 4, n. 1, p. 99-115. 2018. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/ricultsociedade/article/view/9317/5570>. Acessado em: 11/01/2020.
- GUIMARÃES, Beatriz. **Cissexual, cisgênero e cissexismo: um glossário básico**. 2013. Disponível em <https://feminismotrans.wordpress.com/2013/03/15/cissexual-cisgenero-e-cissexismo-um-glossario-basico/>. Acesso em: 17 out 2019.
- GUERREIRO, Felicia. **Guia para linguagem oral não-binária ou neutra (Felicia's gaming diary)**. 2016. Disponível em <https://feliciagd.com/2016/01/30/guia-para-a-linguagem-oral-nao-binaria-ou-neutra/>. Acesso em: 17 out 2019.
- HAROCHE, Claudine; PÊCHEUX, Michel; HENRY, Pierre. A Semântica e o Corte Saussuriano: Língua, Linguagem, Discurso. IN: BARONAS, Roberto Leiser (Org.). **Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. São Carlos: Pedro & João editores, 2007.

HELSLOOT, Niels; HAK, Tony. La contribution de Michel Pêcheux à l'analyse de discours. **Langage et société**, Paris/França, v. 91, n. 1, p. 5-33. 2000. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-langage-et-societe-2000-1-page-5.htm>. Acessado em: 07/11/2019.

LANGACKER, Ronald. **A linguagem e sua estrutura**. Petrópolis: Vozes, 1972.

LAU, Héilton Diego. A questão da linguagem “neutra” ou não-binária pelo viés discursivo: um estudo para um novo olhar para a língua portuguesa. **XIII Seminário Nacional de Literatura, História e Memória e IV Congresso Internacional de Pesquisa em Letras no Contexto Latino-Americano**. 2017. UNIOESTE, Cascavel 22, 23 e 24 de novembro. Disponível em <http://www.seminariolhm.com.br/2018/simposios/30/simp30art05.pdf>. Acesso em 22/12/2019.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa. (Org.). **Tendências e Impasses: O Feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MAYCOW. **E essa tal de linguagem neutra aí?** 2017. Disponível em <https://medium.com/@maycow/e-essa-tal-de-linguagem-neutra-ai-682394foab86>. Acesso em: 17 out 2019.

ORIENTANDO. **Gênero Neutro: Lista de Gêneros**. 2016. Disponível em <https://orientando.org/listas/lista-de-generos/genero-neutro/>. Acesso em: 05 fev. 2020.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, São Paulo: Pontes, 2013.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014.

PEREIRA, Caciana Linhares. (2012). Piaget, Vygotsky e Wallon: Contribuições para os Estudos da Linguagem. **Psicologia em Estudo**, Maringá/PR, v. 17, n. 2, p. 277-286. 2012. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/pe/v17n2/v17n2a10.pdf>. Acessado em: 13/09/2019.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 2014.

REIS, Leonardo Borges. Filosofia da Linguagem e Teoria Social em Noam Chomsky. **Filosofia UNESP**, Marília/SP, v. 2, n. 2, p. 111-126. 2009.

RUBIN, Gayle. O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo. In: RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

WERBA, Gabriela Cucchiarelli; CARVALHO, Michele Chinelato de. (2018). Não nos deixam falar, então não somos interrompidas: a linguagem sexista propagando a discriminação de gênero. **Conversas Interdisciplinares**, Torres/RS, v. 14, n. 1, p. 1-20. 2018. Disponível em: http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/ci/article/view/3481/pdf_1. Acessado em: 18/12/2019.

Artigo submetido em: 11/05 /2020

Aprovado em: 15/05/2021

10.35501/dissol.vi13.835